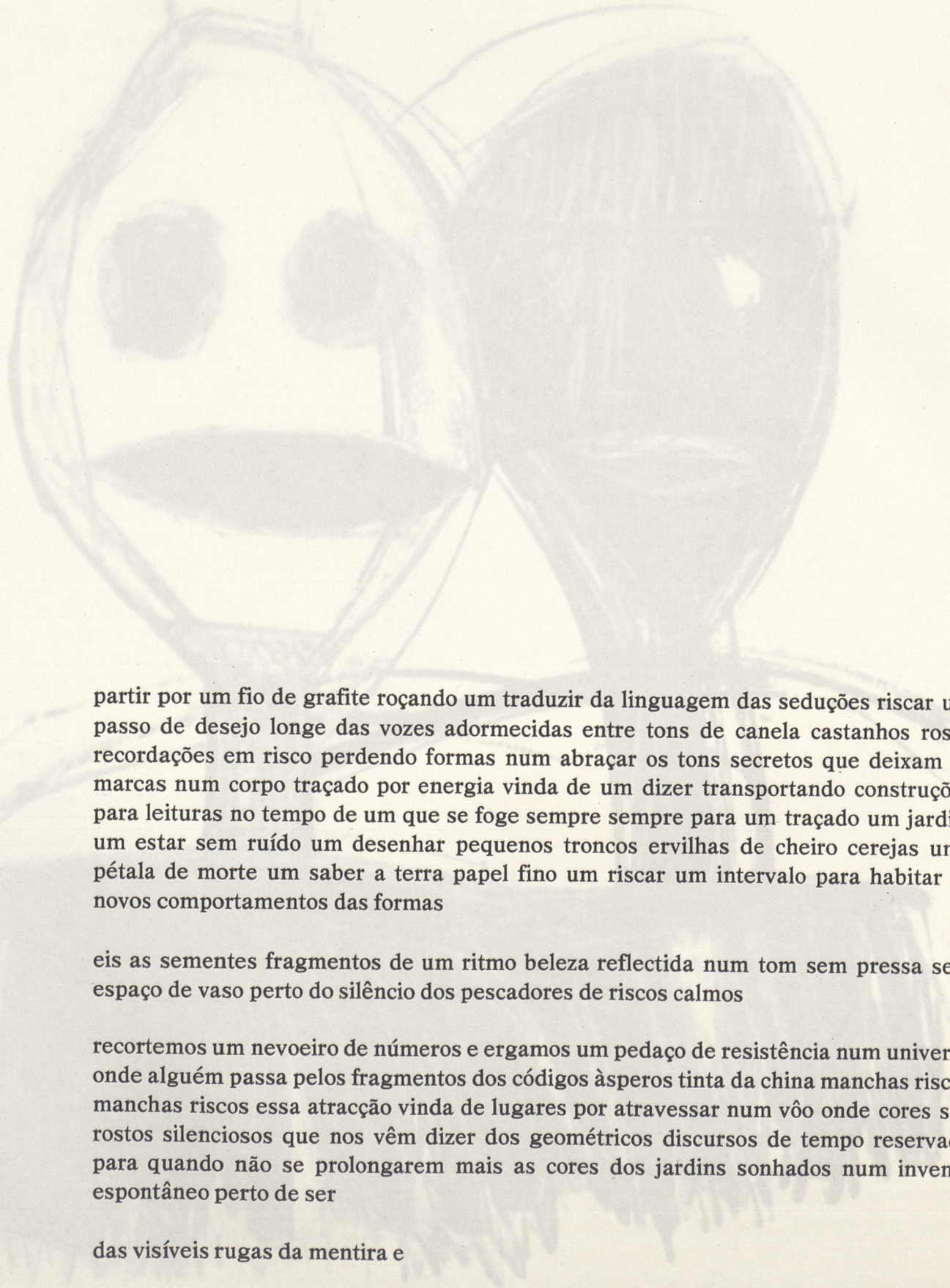


Jorge Aguiar Oliveira



partir por um fio de grafite roçando um traduzir da linguagem das seduções riscar um passo de desejo longe das vozes adormecidas entre tons de canela castanhos rosas recordações em risco perdendo formas num abraçar os tons secretos que deixam as marcas num corpo traçado por energia vinda de um dizer transportando construções para leituras no tempo de um que se foge sempre sempre para um traçado um jardim um estar sem ruído um desenhar pequenos troncos ervilhas de cheiro cerejas uma pétala de morte um saber a terra papel fino um riscar um intervalo para habitar os novos comportamentos das formas

eis as sementes fragmentos de um ritmo beleza reflectida num tom sem pressa sem espaço de vaso perto do silêncio dos pescadores de riscos calmos

recortemos um nevoeiro de números e ergamos um pedaço de resistência num universo onde alguém passa pelos fragmentos dos códigos àspers tinta da china manchas riscos manchas riscos essa atracção vinda de lugares por atravessar num vôo onde cores são rostos silenciosos que nos vêm dizer dos geométricos discursos de tempo reservado para quando não se prolongarem mais as cores dos jardins sonhados num invento espontâneo perto de ser

das visíveis rugas da mentira e

vêm os desenhos serem espelhos degraus para a música de frescas manhãs a desenhar

José Moura
Av. da República, 80-D - 1.º andar
1600 LISBOA

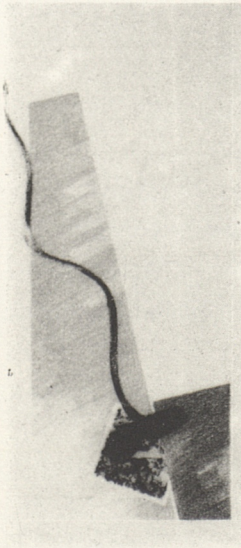
A



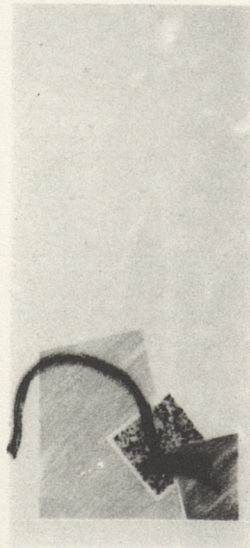
B



C



D



Para quem um pedaço morreu de si, ao ler "não podemos continuar esta vida"
dar-me conta de que no fim de tudo escapam os desenhos que não parecem desenhos."

"Chegou enfim o tempo do adeus

Oiço a canção efémera das coisas
despeço-me da terra da alegria

já reconheço a música da morte"

1979 extractos de algumas notas de Ruy Belo